

O que significa para sempre: Uma investigação existencial-empírico-fenomenológica do luto materno

Charles W. Brice

Neste artigo eu irei tratar de uma das três principais descobertas que vieram à tona durante um longo ano de estudo sobre o luto materno (Brice, 1987). Meu propósito foi de descrever cuidadosamente o fenômeno do luto materno e seu desdobramento durante o período de doze meses de pesquisa. Para este estudo, cada uma das três mães que sofreram perdas de filhos foi entrevistada, uma vez ao mês, por doze meses. Descobriu-se que o luto materno é fundamentalmente um fenômeno relacional, dentro do qual (1) ele é sempre um relacionamento que é lamentado, e (2) a fim de lamentar, a mãe enlutada deve lamentar-se a outra pessoa. Uma segunda, foi a de que o luto materno é essencialmente um fenômeno paradoxal; dezoito paradoxos foram descritos. Uma terceira descoberta foi a de que o luto materno é um fenômeno de temas múltiplos, os quais coalecem para

formar um conjunto estrutural. Eu tratarei da essência relacional do luto materno em outro estudo (Brice, 1989) e apenas mencionarei brevemente isso aqui. Da mesma forma, somente breve menção será realizada a respeito da natureza paradoxal do luto materno, já que uma discussão detalhada de todos os dezoito paradoxos requer um artigo separado. Neste presente artigo, eu me concentrarei na terceira descoberta do estudo, ou seja, eu caracterizei aqueles significativos que parecem estruturar um luto da mãe por seu filho. Ao fazer isto, eu espero demonstrar tanto a unidade quanto a complexidade do luto materno. Especificamente, eu espero demonstrar que sua unidade é sua complexidade.

O luto tem sido tradicionalmente conceitualizado como um fenômeno de fases ou etapas (Bowlby, 1980; Knapp, 1986; Lindemann, 1944; Parkes, 1972). Minha pesquisa não manteve tal conceitualização. Ao invés disso, eu vim a entender que o luto materno é composto de uma série de temas, os quais se entrelaçam durante toda a experiência da mãe em maior ou menor

intensidade, de uma maneira não-linear ou fásica, provavelmente pelo resto de sua vida. Este interminável aspecto do luto materno é relevante para a unidade do fenômeno em si. Pois, para abordar o luto materno como um fenômeno unificado é necessário incluir seus aspectos duradouros. Portanto, embora os temas a serem delineados a seguir formem de fato um conjunto estrutural, sua complexidade pode não estar claramente “amarrada”. Veremos que uma característica essencial da natureza duradoura do luto materno é que existem sempre “pontas soltas” no luto por uma criança e que, embora a morte do filho seja definitiva, uma mãe enlutada nunca se conforma completamente com este término. Desta maneira, além dos temas relacionais e paradoxais mencionados acima, demonstrei que uma mãe enlutada experimenta a morte de seu filho como um ataque contra o qual ela só pode lutar conflitantemente; como a morte de seu mundo; como a destruição de seu passado, presente e futuro; e como uma criança de identidade e realidade. Observaremos que ela incorpora a morte ao sentir o vazio

da ausência de seu filho, ao mesmo tempo que se sente preenchida por seu luto, que ela é lançada em um conflito que diferencia a presença de seu filho, e suas memórias sobre ele ou ela, que ela experiêcia seu filho falecido como uma “parte” quanto “separado” dela, que ela usa a “voz” de seu filho como um “objeto transicional” (Winnicott, 1971) que a guia através de seu luto, e que ela se ocupa pela morte, pois ela permitiu que o filho se tornasse um ser separado. Finalmente, demonstraremos que a dor mais severa da mãe enlutada envolve a suspensão permanente do diálogo, vivo com seu filho e que sua principal tarefa é a de admitir o fato de que ela nunca aceitará completamente a morte de seu filho.

Revisão literária

Uma revisão da literatura demonstra a influência de Freud, Lindemann e Bowlby na pesquisa subsequente. Freud (1917/1973) definiu luto como a reação À morte de uma pessoa amada. O objetivo do luto era a completa

“descatexia” (remoção libidinal) do objeto perdido (p. 252) – um processo que ele denominou “o trabalho de luto” (p. 244). A percepção consistente do ego de que a pessoa amada não existe mais motiva o trabalho de luto. Isto é o “veredito da realidade”(p. 255) que este processo “longo e gradual” continua até que o “objeto perdido” tenha sido descaracterizado “pouco a pouco”(p. 245). Embora existam experiências que correspondem à descrição de Freud do luto, ele nunca o estudou empiricamente. Ao invés disso, usou seu entendimento pré-empírico do luto para descrever a melancolia(1917/1973), inferiu que o significado de luto já estava claramente compreendido(1916-17/ 1973), e advertiu que investigação clínica do luto era “inútil ou mesmo prejudicial” (1917/1973, p. 233-234). Portanto, Freud nunca abordou empiricamente o fenômeno de luto per se.

No principal estudo seguinte sobre o luto, Lindemann (1944) isolou cinco “sintomas” principais da dor: angústia somática, preocupado com a imagem do

falecido, pesar, reações hostis, e perda dos padrões de conduta (p. 141-142). Entretanto, a fim de legitimar seu estudo a partir de um ponto de vista médico psiquiátrico, ele afirmou que “o pesar é uma síndrome definitiva” (p. 141). Desta forma, Lindemann nunca abordou diretamente o fenômeno do luto, pois ele já o havia predefinido como uma doença. Uma vez que o luto é visto como uma doença ele se torna um processo biológico que necessita de uma cura. Pesquisas influenciadas por tal visão defenderam ainda a substituição de animais por humanos em investigação acerca do luto.

Finalmente Bowlby (1980) definiu luto como um processo biológico-psicológico “desencadeado” pela perda de uma pessoa amada (p. 17). Ele dividiu luto em quatro fases: entorpecimento, protesto, desespero e desprendimento (p. 86). Bowlby, entretanto, nunca estudou empiricamente sujeitos que se encontravam de luto pela morte de uma pessoa amada. Sua teoria derivou-se a partir do estudo de uma criança de dois anos de idade

que foi separada de sua mãe por onze dias (Bowlby, Robertson e Rosenbluth, 1952). Já que seu trabalho empírico limitava-se à observações de uma separação temporária, ele nunca diferenciou experiências de separação e morte. Eventualmente, ele definiu a morte como uma separação estatisticamente não freqüente (1961, p. 333). Ele, assim, desenvolveu uma teoria da separação, porém deve, ainda, estudar empiricamente o luto pela morte de uma pessoa amada. Mas enlutadas, por outro lado, são totalmente capazes de distinguir entre separação e a morte. Por mais severa que seja a separação, estar distanciado de uma pessoa amada sempre implica a possibilidade de retorno. O que diferencia uma separação de uma morte é exatamente a finalidade desta, sua permanência irrevogável. O que caracteriza a morte é que ela é para sempre.

Já que os pesquisadores mencionados anteriormente não abordaram ao fenômeno de luto em si, é difícil fugir da conclusão de que o trabalho deles eram fundamentalmente deturpados. No entanto, seu trabalho

influenciou enormemente todas as pesquisas posteriores – inclusive aquelas sobre o luto dos pais. Uma revisão desta literatura segue.

A maior parte das pesquisas sobre o luto dos pais formula suas conclusões em termos de uma teoria de etapas que é idêntica a de Bowlby ou a alguma modificação dela (Parkes, 1972; Kavanaugh, 1974). A maioria destes estudos aceitou as conceitualizações de Bowlby, sem questionar a adequação de basear a teoria do luto da morte de uma pessoa amada em dados empíricos derivados da experiência de estar temporariamente separado de uma pessoa amada. Com duas exceções, pesquisas sobre o luto dos pais dizem respeito a pais jovens lamentando a morte de filhos pequenos (especialmente aqueles que morreram da síndrome da morte súbita infantil [SIDS]), crianças em fase escolar, ou adolescentes. Dentre as duas exceções, nenhum estudo focalizou principalmente pais enlutados mais velhos (Gorer, 1973; Purisman e Maoz, 1977).

Desta forma, investigações de pais enlutados mais velhos têm sido negligenciados na literatura.

A maioria das pesquisas observara que o sistema de apoio não funciona com os pais enlutados. Em um estudo, casais que perderam filhos novos descobriram que amigos, família e pessoal de apoio presumiram que suas reações eram menos severas do que teriam sido se houvessem perdido um filho mais velho (Helmraath e Steinitz, 1978). Família e amigos paravam de ligar após o funeral e, geralmente, minimizavam a perda. Como reação, estes pais sentiram-se zangados, desapontados, ressentidos e isolados.

Aparentemente, a “conspiração do silêncio” cerca a mãe de um nati morto (Lewis, 1979; Limerick, 1979). A maioria dos estudos indicou que pais enlutados são o melhor apoio para si mesmos, já que meios tradicionais não se apresentam (Cain and Cain, 1964; Williams, 1963). Razões para a queda do sistema de suporte incluem a alta imobilidade das famílias americanas (Ablon, 1971), despropositadas limitações de tempo

colocadas no luto pelo público geral (Kennell e Klaus, 1976; Lorenzen e smith, 1981), e a tendência cultural de negar a morte (Maddison e Raphael, 1975; Steel, 1977). A negação médica é ampla. Os pesquisadores têm pedido aos médicos para explicarem os resultados de autópsia, encorajarem o luto e não informarem aos pais a respeito da morte na sala de emergência ou através do telefone (Clyman et al, 1979; Krein, 1979). Apesar disso, um estudo recente citou uma mãe que foi informada do câncer inoperável de seu filho num corredor de hospital (Knapp, 1986).

Existe controvérsia quanto ao efeito da morte do filho sobre o casamento. Knapp(1986) afirmou que entre 30 e 70 por cento dos casamentos são desfeitos após o primeiro ano de luto. Kubler- Ross (1974) relatou descobertas similares, mas nenhum deles cita referências para suas estatísticas. Outros pesquisadores descobriram que casais aproximam-se porque eles carecem de apoio a partir de fontes externas (Helmroth e Steinitz, 1978; Harvey, e Lewuston, 1979). Aqueles que

encontraram dificuldades matrimoniais atribuíram-nas a problemas preexistentes, diferenças sexuais em estilo de luto ou ambos. Contudo, existe confusão quanto à natureza de diferenças sexuais nos estilos de luto. Tipicamente, mães foram descritas como mais carregadas de culpa, como mais expressivas de dor, e como pesarosas mais tempo que seus maridos, enquanto pais foram representados como não-enlutados, que suprimiam sua dor, desempenhavam papéis “administrativos” e “protetores”, evitavam conversas sobre o filho, sentiam mais raiva do que suas esposas e refugiavam-se no trabalho para negar a perda(Limerich, 1976; Lindamood et al, 1979). O único estudo exclusivo sobre o luto dos pais descobriu que os pais culpam-se pela morte, devido a sua “falta de envolvimento no cuidado” (Mandell, McAnulty e Reece, 1980, p. 221), no entanto Halpen (1977) descobriu que pais culpam-se menos devido a mesma razão precisamente. Além disso, Lewis e Page (1978) relataram que as mães, e não os pais, reprimem sua dor a fim de “proteger” os membros da família, e

Gores (1973, p. 434-435) descobriu que a atitude de “manter-se ocupado” é uma forma de não-luto em mulheres, e não em homens. Finalmente, Purisman e Maoz(1977) não encontraram diferenças significativas entre o luto materno e paterno.

Dois artigos na literatura de psicologia fenomenológica são diretamente relativos ao luto. Smith (1975) utilizou as teorias de Natanson(1970) e Berger e Kellner (1976) em sua hermenêutica da teoria de Bowlby (1961). Embora sua hermenêutica tenha realçado a perda do diálogo criativo entre enlutados e falecidos, ela não conduziu uma investigação empírica de luto, num mesmo questionou os fundamentos empíricos da teoria de Bowlby. Em contraste a isso, Kessler(1987) produziu um estudo empírico fenomenológico de luto em que ela entrevistou trinta e uma pessoas enlutadas, cinco das quais eram mães. O foro de seu estudo foi sobre aspecto do “crescimento pessoal” do luto. Apesar de ter delineado doze temas existenciais que conduzem ao crescimento pessoal, não foram mencionados achados específicos

referentes ao luto por uma criança. Além disso, sua análise, fortemente influenciada pela teoria de “estruturas profundas” de Koestenbaum (1980), permaneceu no nível de temas centrais; ela nunca articulou uma estrutura geral de luto.

Embora cada estudo revisado tenha enriquecido a literatura sobre lutos, nenhum deles produziu uma caracterização estrutural do luto materno. É no sentido de um método de obtenção de tal caracterização que eu irei me voltar agora.

Método

Meu propósito era chegar a uma caracterização estrutural do fenômeno do luto materno. Dou ao termo “estrutural” o sentido de uma caracterização que articula os temas existenciais, que tanto proporcionam as condições para a possibilidade do luto materno quanto permitem a ele ser reconhecido como tal. O método

específico de análise empregado foi uma variante daquele desenvolvido por Giorgi (1975) e Fischer (1974).

Sujeitos

Três mães enlutadas foram selecionadas: Sra. Fox¹(sessenta anos de idade) e o filho de trinta e cinco anos, Matt², morreu em um acidente de trânsito. Sra. Hart (trinta anos de idade), cuja filha de três meses morreu de STDS; e Sra Carter (trinta e oito anos de idade), cujo filho de dezessete anos morreu de endocardite aguda. Na entrevista inicial, eu pedi a cada sujeito, “Por favor, descreva sua experiência de luto por seu filho”. O questionamento subsequente seguiu a direção dada pelo sujeito. As entrevistas duraram noventa minutos e foram conduzidas uma vez ao mês por um ano. A Sra Fox foi entrevistada quando iniciava seu quinto mês de luto, a Sra Hart seu sétimo mês, e a Sra Carter seu nono mês. As narrativas da Sra Fox, gravadas em áudio e transcritas,

¹ Toda informação identificadora foi modificada.

² Matt deixou a esposa, Ann, e a filha de cinco anos, Rebecca.

sujeitadas a uma análise fenomenológica sistemática, enquanto que as outras mães foram utilizadas como sujeitos auxiliares que controlavam as descobertas do estudo. As experiências de diversas outras mães enlutadas com quem eu trabalhei foram também usadas para controlar as descobertas.

Inicialmente, estava planejando analisar as narrativas dos sujeitos ao nível de doze estruturas situadas para cada um. Todavia, assim que as transcrições começaram, este projeto foi abandonado. Cada entrevista de noventa minutos produziu protocolos, os quais resultavam, em média, vinte e cinco a trinta páginas de espaço único. Uma vez que estas foram divididas em unidades de significado e temas centrais, outras trinta páginas foram adicionadas; as estruturas situadas acrescentavam outra página e meia, rendendo uma média de sessenta páginas de dados e análises por entrevista. Deste modo, tornou-se necessário limitar a análise formal a um sujeito. A Sra. Fox foi escolhida devido à escassez de dados sobre o luto de pais mais velhos na literatura.

Limitar a análise formal a apenas um sujeito foi custoso. Originalmente, eu pretendia comparar o luto de uma criança, um adolescente, e um filho crescido. Tipologias de luto foram previstas ao longo destas linhas de desenvolvimento. Entretanto, o desenvolvimento de tipologias requer a análise formal da narrativa de cada sujeito. Uma discussão a respeito das diferenças que ocorreram em conexão com a quantidade de tempo que cada sujeito esteve de luto antes de nossa entrevista inicial foi também excluída.

Depois que a estrutura geral do luto da Sra. Fox foi deduzida, eu refleti sobre a minha experiência ao entrevistar outras mães. Eu me perguntei se os temas daquela estrutura geral eram essencialmente diferentes dos principais temas que pareciam estar presentes nas outras duas. A resposta a esta questão foi não. Eu, então, perguntei-me a mesma questão considerando as mais de cem mães enlutadas com as quais eu tive contato nos últimos oito anos de pesquisa e trabalho clínico com os pais enlutados. Novamente, a estrutura geral originada

pareceu ser também uma descrição de suas experiências. É claro que tal operação de auto-reflexão da parte de um pesquisador clínico não pode substituir o trabalho rigoroso de comparação dos protocolos analisados formalmente de cada sujeito, mas tal operação não deixa de ter seu valor. Havia temas nos relatos das outras mães que não estavam presentes no relato da Sra. Fox. Por exemplo, os dilemas particulares associados à morte de uma criança devido a uma doença mal compreendida como SIDS e as especificidades da ansiedade de uma mãe de uma criança que morreu desta forma a ter outro filho não estavam presentes na narrativa da Sra. Fox. Tampouco estavam presentes preocupações sobre ter de sofrer a morte de outro filho, um tema proeminente no luto da Sra. Carter. Inversamente, a preocupação intensa da Sra. Fox com a esposa de seu filho falecido e seu relacionamento com seu neto, os quais são temas típicos em luto de mães mais velhas, não estavam presentes no luto das outras duas mães. Finalmente, quando a estrutura geral começou a tomar forma, eu apresentei minhas

descobertas a vários grupos de luto parental e organizações profissionais cujos membros trabalham com pais enlutados. Minhas descobertas foram validadas nestes diferentes cenários.

Os passos específicos da análise foram os seguintes:

Passo 1: Dedução de unidades significativas. Trinta e seis narrativas, foram geradas doze de cada mãe. As narrativas transcritas da Sra. Fox foram lidas numa atitude de abertura, a fim de obter um sentido de sua totalidade e complexidade e com a intenção de observar as mudanças de significado que ocorrem de uma parte da narração a outra. Estas transformações foram, então, separadas em unidades de significados distintas.

Passo 2: Delineamento de temas centrais. Cada unidade de significado foi lida com a seguinte pergunta e mente: Qual é o tema central expresso nesta unidade?

Passo 3: Temas principais. Unidades de significado e temas centrais foram abordados por minhas questões de investigação específicas: (1) Qual é o mundo do luto que é revelado nesta unidade de significado particular e este tema particular? (2) Como este mundo é vivido? Os temas centrais da Sra. Fox foram, então, organizados em torno daqueles temas principais que eles ilustram. Uma lista de temas principais foi compilada para cada uma de suas doze narrativas.

Passo 4: Descrição estrutural situada. As doze narrativas da Sra. Fox, inclusive temas centrais e principais, foram analisados com a seguinte pergunta em mente: Qual é o mundo do luto e como ele é vivido neste tempo específico de luto da mãe por seu filho? A resposta foi sintetizada em uma descrição estruturada situada para cada uma das doze narrativas reunidas. Cada estrutura situada foi, então, examinada como que representando um “momento” específico do luto materno.

Passo 5: Caracterização estrutural geral. As doze estruturas situadas foram analisadas pelo que elas sugeriam sobre a estrutura universal e invariável do luto materno. Um reforço foi realizado para caracterizar os aspectos essenciais do luto materno, assim como seus dilemas únicos. As experiências dos dois sujeitos auxiliares, como também de outras mães com as quais eu trabalhei, foram usados para checar aqueles temas que foram idiossincráticos ao luto da Sra. Fox. como observado, eles também foram usados para assegurar que a estrutura emergente caracterizou temas universais e invariáveis presentes em seu luto.

Resultados: a estrutura geral do luto materno

Eu separei o seguinte em quinze sessões. Apesar de que cada um representa um tema geral do luto materno, é para sua totalidade estrutural que eu gostaria de atenção.

O poder coercivo da morte

Uma mãe enlutada é forçada a viver num mundo que não inclui a presença viva de seu filho ou possibilidade dela. Embora ela possa escolher entre lamentar ou não, ela não pode escolher viver em um mundo, onde ainda incluía seu filho. A mãe mais “normal” tentará viver seu mundo presente como se seu filho ainda estivesse vivo ou como se a morte não tivesse alterado de maneira significativa sua vida, porém o poder coercivo da morte de seu filho derrota esses esforços. Ela se sente atacada tanto por seu luto quanto pela morte. Naquelas circunstâncias em que seu mundo anterior oferecia possibilidades aparentemente ilimitadas, seu mundo presente exhibe uma série de impossibilidades angustiantes que a perseguem. Ela sente que deve lutar, todavia este sentimento é conflitivo. No oitavo mês de seu luto, a Sra. Fox começou a brigar com sua mãe idosa. “Eu não sei se estou brigando porque Matt não está aqui, ou se é somente o modo que estou me sentindo e eu não

posso agüentar o que costumava agüentar antes”. Quando eu pedi a ela para dizer mais sobre sua “luta”, ela respondeu: “Eu apenas penso, Mary, você está perdendo seu parafuso”. Eu penso, “Puxa, você nunca, nunca foi assim.” Um pouco mais tarde ela disse “ eu sou ríspida com as pessoas e eu nunca fui assim...Talvez seja minha idade avançando[risos]. Eu não sei, Mas eu acho que é porque eu apenas não superei a morte do Matt ainda.”

A morte de um mundo

A morte de um filho não é somente a morte de um corpo ou um ser particular, mas a morte de um mundo co-constituído. É um mundo temporal vivido dia a dia, mês a mês. “ A primeira vez eu fui à loja Penney”, disse a Sra. Fox, “ e vi os manequins com os lindos suéteres nos jovens de lá, eu fiquei em frente a eles e apenas soluicei, porque Matt vestia muitos suéteres”. Discutindo este pequenino particular, os suéteres, A Sra. Fox contou-me algo sobre o mundo de seu filho que para ela, incluía sua

preferência pelos suéteres. Ela não pode mais vê-lo vestindo os suéteres, ou se lembrar de sua presença viva ao vê-los. Onde uma vez eles representavam possibilidades, eles agora apresentam impossibilidades. “ Não apenas as pessoas morrem”, escreveu o poeta soviético Yevtushenko (1962), “mas mundos morrem nelas”(p. 85). Isto foi, disse a Sra. Fox, “ apenas as coisas triviais do cotidiano que ele fazia [soluçando]. Eu sinto sua falta terrivelmente”. É dessa maneira que viver a morte do filho envolve o luto pela morte de um mundo.

A morte de sua relação dialógica com seu filho

Durante os meses iniciais de luto, uma mãe enlutada encontra-se obrigada num estado de choque, num atordoamento que a protege da enormidade de sua perda. A maior parte do primeiro ano se resume na incredulidade do fato e significado da morte. A Sra. Carter cozinhava o jantar para seu filho toda noite durante um mês após sua morte. Ela deixava o jantar no fogão

para queimar até que um membro da família o removesse. A Sra. Bucheck, outra mãe com quem eu trabalhei, expressou o atordoamento mencionado acima: “ eu não queria comer mas não queria ficar com fome, eu não queria dormir, mas não queria ficar acordada. Isto era o fundo do posso, eu não queria se quer existir”.

A permanente ausência do filho falecido apresentase em quase todo o encontro, diálogo e situação. Não importa como uma mãe tenta evocar a presença viva de seu filho, ela é confrontada inevitavelmente com o fato de que tais recreações são suas produções unilaterais ou aquelas de outras pessoas, que não seu filho. Portanto, como Smith (1975) afirmou, um tema essencial do luto por um filho, talvez seu aspecto mais doloroso é a perda do diálogo contínuo com o mesmo. Nunca mais seu filho irá participar criativamente, surpreendentemente, ou mesmo previsivelmente na construção de seu diálogo.

A Sra. Fox foi uma narradora hábil que freqüentemente tornava a “presença” de Matt palpável entre nós. Ela colocava a presença dele no nosso “entre”

(Buber, 1958; Brice, 1984), naquele campo interativo, inter pessoal entre nós. Ironicamente, sua habilidade em tornar Matt presente permitiu-nos sentir tanto desapontados quanto desiludidos ao percebermos que ela estava relatando suas últimas memórias de Matt, memórias marcadas pela finalidade de sua morte. Seu relato da última conversa deles é um exemplo; seus soluços e seus silêncios transmitem que o aspecto a ser prolongado da relação dialógica em andamento, a significação inconsciente de “ eu vou te ver de novo” (Schultz, 1962,p. 146), foi permanentemente abolida por sua morte.

E ele me ligou aquela noite e disse,” você acreditaria que aqueles dois livros para os quais você me emprestou dinheiro, custaram somente 20 dólares?” E eu disse: “bem, puxa, eu teria lhe dado mais.” E ele disse: “ não ... eu lhe devolverei o dinheiro assim que eu receber meu pagamento.” E eu disse: “ oh, esqueça disso, este será seu começo.” E ele disse: “ok” [chorando, incapaz de falar]. E isso foi a última coisa que conversei com ele

[chorando muito]. Eu acho que é a finalidade, saber que você nunca mais vai falar com ele novamente.

Como pode ser visto a finalidade da morte do filho e o final permanente da relação entre mãe e filho andam de mãos dadas. De fato, esta finalidade é o ponto inicial e o ponto final a nunca ser alcançado do luto. Sua angústia em confrontar rejeitar, provisoriamente aceitar o significado desta finalidade estrutura seu luto.

Incorporando a morte

As maneiras pelas quais uma mãe incorpora a morte de seu filho são múltiplas. Ela pode manifestar sensações corporais generalizadas ou algumas discretamente localizadas – a região torácica sendo mais típica. Estas freqüentemente imitam os sintomas da última doença de seu filho ou as lesões de seu acidente fatal³, ou mesmo a “sensação” de estar morto. Estas são as formas pelas

³ De forma diferente de Lidemann (1944, eu não encontrei razões empíricas para marcar estes fenômenos onipresente como patológicos.

quais seu corpo vivencia a morte. A Sra. Fox falou sobre um “sentimento pesado, esmagador” que a inclinava para frente e um “aperto queimado dilacerando” seu peito. O peito de Matt foi esmagado e a parte de seu corpo foi queimado no acidente.

Uma mãe enlutada também incorpora a morte de seu filho como um vazio que ela não pode preencher. A inexistência de seu filho é seu vazio. “ Você sabe”, disse a Sra. Fox, nós brincávamos o tempo todo e isto tudo simplesmente se foi. Agora, qual é o meu sentimento? O que eu sinto? É somente um vazio... Ele se foi... Assim. Eu penso às vezes também, se ele tivesse ficado doente, ou se nós o tivéssemos visto, você sabe, sabendo que ele nunca ia melhorar, eu não sei se isso teria feito alguma diferença. Eu tenho sentido frio a noite.

A Sra. Fox conectou seu vazio com a inexistência de Matt (é somente um vazio... ele se foi) e uniu essa inexistência/vazio com o que seria de outra maneira, uma declaração casual: “ eu tenho sentido frio a noite”. A Sra. Hart, cuja filha morreu de SIDS, sentiu dispinéia e

claustrofobia durante o funeral. Tornou-se claro que ela estava vivenciando eternamente em seu corpo a sensação de estar fechada no diminuto caixão de sua filha. Será que a Sra. Fox e a Sra. Hart estavam tornando-se as mortes de seus filhos, incorporando a sensação, do que seria estar morto? Tal coisa alcançaria os limites da empatia autêntica, ou “inclusão” (Buber, 1965)⁴, e no entanto, minha sensação é que era exatamente isso que elas estavam tentando. É importante notar que a Sra. Hart frequentemente especulava que a causa da morte em SIDS era asfíxia.

Paradoxalmente, o vazio de uma mãe enlutada é, muitas vezes, experienciado como plenitude. Elas frequentemente descrevem-se como “ transbordando de dor”. Neste sentido, uma mãe enlutada é dolorosamente preenchida pela inexistência de seus filhos. Sua dor e a morte de seu filho são frequentemente vividos como uma desordem caótica profundamente enraizadas que ela

⁴ Veja Brice (1984) para uma discussão sobre o termo “inclusão” de Buber.

expele através de ações físicas descontroladas, especialmente soluços. Ela se sente profundamente envergonhada, ainda que aliviada, pelas suas lágrimas e procura desesperadamente locais privados para sua expulsão (tipicamente, o banheiro).

Ainda mais paradoxal, ela vivencia seu vazio - plenitude como indicativo da presença de seu filho, embora anuncie inevitavelmente a ausência de seu filho. Ela lamenta a inabilidade de seu filho em provê-la de assuntos para reflexão - e sua própria inabilidade em consumir e digerir o discurso de seu filho. Ela vivencia seu filho como uma parte dela que ela tenta reter, mas deve expelir a fim de lamentar propriamente, e como algo separado dela. “ Eu tenho uma dor dentro de mim que eu não consigo me livrar”, disse a Sra. Fox em nossa décima segunda entrevista, “ É como se uma parte sua estivesse se dilacerando”. Presa dentro desta esfera conflitante, ela teme que será “ dilacerada” por sua dor.⁵ Portanto, partes

⁵ Leitores orientados psicanaliticamente observarão que tanto neste como em outros artigos eu estou descrevendo aspectos orais e anais do luto materno. Leitores de Kohut(1977) observarão a presença de “fenômenos de desintegração” devido à enxurrada de sentimentos

de seu corpo, especialmente seu estômago e braços, detém por seu filho.

Luto: um fenômeno essencialmente paradoxal

O luto materno é um fenômeno essencialmente conflitante, ou paradoxal⁶, no qual uma mãe deseja superar a morte, mas quer reter sua proximidade ao seu filho. Seu luto permite um “envolvimento” com seu filho que amplia sua ambivalência quanto a “superar” a morte. Ela teme que toda relação com seu filho termine se o luto for completado, embora queira esquecer seu filho a fim de escapar da dor de viver sem ele ou ela. Ao mesmo tempo, ela tenta desesperadamente manter a memória de seu filho viva.

Um exemplo de ambivalência da Sra. Fox ocorreu em nosso terceiro encontro. Nele, ela mencionou que não

agressivos que dominam a mãe enlutada.

⁶ Como observado, eu isolei dezoito paradoxos ao todo. Limitações de espaços impõe apenas uma discussão do que pode ser chamado de “paradoxo- Ur”: o desejo de lamentar e de não lamentar.

queria “sobrecarregar” seu marido com seu luto, agradeceu por ouvi-la, e então perguntou, “ Com quem se pode falar?” Ela continuou dizendo que “ninguém entende”, que as pessoas raramente queriam falar com ela sobre Matt, e então citou vários exemplos de amigos que falaram com ela sobre ele. Ela terminou este segmento da nossa reunião dizendo, “ E, no entanto...como eu posso dizer isto honestamente? Eu não queria que pessoas aparecessem e falassem comigo ntodo o tempo sobre isso. É verdade...ninguém, você não tem ninguém para conversar.”

Este paradoxo envolve o medo de uma mãe de que ela pode perder a razão quando perdeu seu filho. Em sua mente a existência de seu filho é vivida como “minha”, como sua “possessão”, como uma imagem com a qual ela tenta, mas não consegue entrar no diálogo. Esta incapacidade aumenta seu medo de perder sua razão – posseção. No entanto, se ela conseguisse alucinar a presença de seu filho ou, de outra maneira, “ter êxito” em entrar no “diálogo” com seu filho, ela também teme que

perderá a razão. Assim, uma mãe enlutada está continuamente engajada nos projetos contraditórios de luto e tentativa de “não-luto”.

Diferenciando imagem de presença

Durante seu luto, uma mãe enlutada diferencia dolorosa e vagarosamente suas lembranças do filho falecido das de sua presença viva. Como a Sra Fox demonstrou, este é um processo angustiante.

Talvez é isso que você pensa, somente por um instante, isto não aconteceu, ele ainda está em casa, ele ainda está no trabalho. Eu costumava olhar o relógio às 7 horas e pensar, “ Matt está tirando o carro da garagem agora”, e, então, um pensamento me atingia: Não, ele não está saindo. Porque toda manhã às 7 horas ele tirava o carro da garagem e dirigia-se para o trabalho. E no Natal era difícil ver Ann [esposa de Matt] entrando sozinha. Sabe, você olhava além dela e não havia ninguém [pausa- chorando]. Eu não ia chorar hoje [soluçando –

incapaz de chorar]. Talvez nós fossemos próximos demais – eu não sei [soluçando]. No entanto, havia semanas que eu não via [pausa]. Por muito tempo eu senti falta daquela ligação domingo à noite. Agora, já não sinto tanta, mas eu reparo que Ann liga quase todos os domingos [pausa]. Eu liguei para ela neste final-de-semana. Eu daria algo...se pudesse encontrar alguém. Talvez, assim, eu sentiria como se eu tivesse um filho também. Agora, não me leve a mal, eu nunca fui possessiva. Eu sei que não fui. Porque nós. Sabe, os éramos duas pessoas independentes e isto era maravilhoso [pausa]. [Sussurrando:] Não há nada lá. Phil e eu lembramos como ele costumava rir. Nós conversamos sobre essas coisas de vez em quando.

Como pode ser visto, este processo não é meramente uma questão de “classificar informações cognitivas”. Preferivelmente, isto é vivenciado com a plenitude do ser da ,ãe. Da mesma forma que ela não lamenta um “modelo do mundo” (Parkes, 1975, p. 131), mas um mundo, ela não lamenta uma imagem de seu

filho, mas sua presença externa. Sua imagem de seu filho continua, ela sobrevive. Ela não sofre “perda de objeto”, se por “objeto” quer-se dizer uma representação física de seu filho (Kernberg, 1976). É da presença externa de seu filho que ela se despede cada vez que tenta, mas não consegue, estabelecer um diálogo com ela. O esforço para diferenciar entre a presença viva de seu filho, suas lembranças daquela presença, e sua imagem unilateralmente gerada de seu filho move uma mãe em direção à margem de seu luto. Tristemente, entretanto, estas mesmas diferenciações compreendem seu desespero. É a profundidade de seu desespero até o presente momento inimaginável, sobre a perda irrevogável da presença viva de seu filho que mais significativamente contribui para seu sentimento de que está quase enlouquecendo.

O luto por um filho é tremendamente frustrante e doloroso. No primeiro ano de luto, uma mãe raramente diferencia a presença viva de seu filho de imagens e lembranças daquela presença. Além disso, ela pode

convencer-me de que inibir um afeto ou emoção particular, como chorar ou ter raiva, significa que ela está melhorando. Ela descobre, entretanto, que sentir-se “bem” não é equivalente a estar “melhor” ou cumprir bem o luto. Quando ela começa a aceitar a finalidade de sua perda, sua dor aumenta. Surpreendentemente, contudo, ela tipicamente se sente melhor.

A temporalidade do luto

As diferenciações mencionadas anteriormente afetam o modo que uma mãe enlutada vivencia seu passado, presente e futuro. Quando ela olha para seu futuro, a inexistência de seu filho se confronta com ela; seu futuro é privado da espontaneidade e previsibilidade de seu filho. Seu passado vem de encontro a ela a partir de seu futuro (Heidegger, 1927/1962), quando ela recorda o outro espontâneo e previsível de seu filho, apenas para compreender que isto nunca ocorrerá novamente.

A maioria das mães estão certas de que seus filhos viverão mais do que elas. A morte do filho revela de maneira chocante que esta “certeza” era apenas uma possibilidade. Neste sentido, perder um filho é perder um futuro (Brice, 1982). A compreensão repentina da Sra. Fox de que Matt nunca assistia o casamento da filha Rebecca é um exemplo, assim como a compreensão súbita de outras mães de que seus filhos não estarão presentes na ceia de Natal, ou não sairão mais para brincar de “truques ou travessuras”, ou não se formarão na escola secundária e daí por diante.

Além disso, a morte mudou fundamentalmente o caráter do outro de seu filho. Em parte, seu outro é para ser um nada, um corpo. Aspectos do outro de seu filho são tão desorganizados temporariamente, tão externos ao seu desejo, que ela não pode relacionar com eles. De fato, na sua tarefa relacional mais difícil é a de permitir que seu filho seja outro que não o que ela deseja, é permitir que seu filho seja seu filho falecido.

Diferenciações análogas ocorrem em considerações às qualidades que ela confere a seu filho. Às vezes, ela descreve seu filho como tendo sido quase perfeito. Ela pode falar de aspectos negativos, mas sem afeto negativo. Conforme seu luto se desdobra, entretanto, aspectos perturbadores e imperfeitos de seu filho surgem, os quais lhe permitem dar um adeus parcial às ambigüidades de sua completude viva.

O filho como objeto transicional

Como observador, o processo de diferenciação nunca é completado. Uma mãe enlutada nunca diz “adeus” completamente. Uma imprecisão entre sua imagem interna de seu filho e sua presença externa é sempre preservada. Um exemplo disso pode ser encontrado no uso de sua imagem do filho como “alter ego” que supervisionou seu luto. Este alter ego frequentemente assume a forma das palavras, opiniões, ou crenças do filho que está ou deveria estar conduzindo

seu luto. Isto pode ser classificado como “fenômenos transicionais” (Winnicot, 1971) em que eles são vivenciados vagamente como pertencentes ao filho e vagamente vivenciados como pertencentes à mãe. Ela os controla, entretanto os vivencia como fatores externos agindo sobre ela. Ela evoca-os quando se sente indefesa e sozinha e os usa para lhe proporcionar uma coragem que, ela sente, não consegue suprir só.

A Sra. Fox lembrava-se da voz de Matt e o “ouvia” dizer, “Vai dar tudo certo”, ou então, ela poderia criar uma intervenção: “ Eu posso ouvi-lo dizer, porque diabos você está sentada aí se sentindo assim? Vamos fazer alguma coisa.” Era como se, invocando suas palavras, ela pudesse evocar sua presença atenta, solidária e protetora. Além disso, mães que estão de luto, por suas crianças frequentemente visualizam seus bebês protegendo-as e guiando-as em seu luto. Em minha experiência, o uso do filho falecido como objeto transicional é uma característica onipresente de todo luto parental.⁷

⁷ Veja Volkan (1972) para um ponto de vista diferente.

Finalização

A dor de uma mãe enlutada é trançada de maneira inextrincável com o final da morte de seu filho. Ela não vivencia a morte como uma separação “estatisticamente...incomum” (p. 333), como argumenta Bowlby (1961). Seu filho está morto; não há possibilidade de retorno. Ela não só luta contra a ausência de seu filho, como também contra sua não existência, seu nada, morte; e contra o fato brutal de que não há mais qualquer possibilidade de novos diálogos ativos, em co-autoria com ele ou ela. Basicamente, ela tem que enfrentar o silêncio permanente de seu filho, a permanente falta de uma resposta a seu apelo. Este é o significado final da morte do seu filho: que enquanto ela está viva, ela nunca entrará em diálogo autêntico com seu filho novamente. Dois anos depois da morte do seu filho, a Sra. Bucheck descreveu como ela começou a “compreender o que para sempre significava; que para sempre, enquanto eu estiver viva, não o verei de novo.” O significado pleno

deste para sempre nunca é completamente compreendido e, apesar de que vislumbres disto ocorre cedo no luto, sua natureza profunda é, na maior parte, omitida até que o primeiro ano de luto termine.

Este intervalo do diálogo, a perda de seu “Nós” vivido (Friedman, 1988), constitui sua experiência de vazio interior e exterior. Enquanto narrava uma história engraçada sobre Matt, A Sra. Fox cometeu um lapso e disse, “ Nós freqüentemente rimos disso, uh, ríamos disso.” A morte de Matt removeu permanentemente seu Nós, ambos não podem rir juntos de novo nunca mais. Um outro exemplo ocorreu quando ela descreveu como Matt costumava fazer Cooper na cidade que agora é o local de seu túmulo.

E nós costumávamos correr em Y, é uma pequenina cidade com uma igrejinha...na verdade é uma igreja grande, mas muito poucas pessoas vão lá agora. Costumava ser uma grande igreja rural, sabe...Bem, seu túmulo está agora exatamente no topo desta montanha. É um belo cenário. Eu disse ao meu marido, “ Que

sentimento maravilhoso nós temos quando...”

Sabe, nós só tivemos lá duas vezes.

Acima, a Sra. Fox comete um erro e diz “ nós costumávamos correr” o invés de “ele [Matt] costuma correr.” Ela, então, usa homófonos para descrever tanto a cidade como a igreja. A cidade é uma pequenina cidade, e apesar de a igreja ser grande, é uma pequenina igreja. Finalmente, há uma ambigüidade intrigante no “nós” que aparece em sua declaração, “que sentimento maravilhoso só temos quando”. O mundo- nós é um mundo no qual duas pessoas separadas se unem como Eu e Tu (Buber, 1958). É um mundo no qual o outro amado é um referente existencial que reside permanentemente no horizonte da experiência de uma pessoa. Portanto, em um sentido bastante real, a Sra. Fox realmente correu com Matt(e ele com ela), já que o mundo-nós é um mundo em que eu já estou sempre junto ao meu outro amado. É a perda de sua cidade-nós , sua igreja-nós, seu mundo-nós que a Sra. Fox e todas as mães enlutadas devem lamentar.

Lutas contra esta perda envolve confrontar a existência contínua daqueles “lugares” existenciais que o filho costumava ocupar (seu berço, escritório, pátio, casa, roupas), assim como os significantes materiais de suas possibilidades (a poupança, faculdade, a matrícula para a tropa de bandeirantes, a conta bancária, os livros, notas e papéis.) Estes lugares e possibilidades ainda existem, porém o filho não está lá para assumi-los. Ela pode tentar assegurar a continuidade dos projetos e possibilidades do filho, apenas para descobrir que eles devem ser seguidos por alguém que não seu filho. O mundo do luto, desta maneira, expõe a ela repetidamente uma série de finalizações concretas: o último encontro, a última conversa, as roupas vazias, quarto, cama, ou berço: a urna ou lápide. A relação de diálogo deles é gravada, confinada ao que foi deixado para trás.

Uma crise de identidade e realidade

A morte de seu filho coloca em questão a maternidade de uma mãe enlutada; isto porque com a morte, ela perdeu um objeto de sua identidade. A morte revela de forma chocante que quem ela é, era e viria a ser dependiam, em parte, da existência continuada de seu filho. Não importa se tenha filhos sobreviventes, esteja na pós-menopausa, tenha passado da melhor idade de ter filhos, ou seja uma mãe mais jovem e fértil, ela encara a impossibilidade de dar a luz a este filho falecido novamente. A mãe, em pós-menopausa, é assediada por um luto duplo: além da morte de seu filho, ela lamenta (outra vez?) a impossibilidade de ter outro filho. Seu desejo materno não realizado e sua incapacidade são tão devastadoras que ela pode viver a morte “economicamente” por ter sido tão custosa que ela arrepende-se de ter feito qualquer investimento. Em nossa quinta entrevista, a Sra. Fox, perguntando-se se seu luto durara para sempre e se ela ficaria louca por causa disso, disse, “ O que mais posso fazer para me ajudar a superar isso? Eu o amei demais? Eu... Eu não acho que uma mãe

possa jamais amar um filho demais.” Cinco meses depois, ela declarou em meio a seus soluços, “ eu pergunto-me, às vezes, se nós éramos próximos demais. “ Um outro exemplo de viver a morte economicamente envolve o sentimento de que aqueles a quem ela atribui ambivalentemente responsabilidade pela morte devam pagar por ela – inclusive ela mesma. Ela, então, freqüentemente sente-se culpada por seus “dias felizes”, dias que foram menos torturantes que outros.

Com efeito, ela encontra-se como uma estranha num mundo estranho e terrivelmente novo. A morte de seu filho põe em questão as suposições sobre existência que formavam sua compreensão da realidade. Especificamente, sua convicção previamente horizontal de que seu filho viveria mais que ela tornou-se aterrorizantemente temática, minando profundamente sua confiança em uma progressão de vida e morte ordenada e geracional. Ela vive com se nada fosse certo ou permanente, como se qualquer coisa fosse possível. Suas relações com outras pessoas amadas são intensificadas,

assim como seus temores quanto a sua morte antes inesperada. Esta enorme oposição à precariedade da existência aumenta seus sentimentos de irrealidade e contribui para seu temor de que ela pode estar prestes a perder sua razão.

Reconhecimento, “aceitação”, percepção errônea

Embora ela reconheça que não há nada a fazer senão aceitar a morte, ela não consegue conformar-se completamente com este fato. O que uma mãe enlutada eventualmente vem aceitar é que ela nunca irá aceitar completamente a morte do seu filho. Tal “aceitação” é reconfortante; ela a auxilia a manter alguma conexão com seu filho. Ainda, sua angústia se deve ao fato de ela não ter onde situar sua relação com seu filho. Portanto, ela invoca uma série de percepções errôneas (até mesmo, às vezes, substituindo-se por seu filho), que visa reiniciar seu diálogo interrompido. A Sra. Fox, muitas vezes, descrevia a filha de Matt, Rebecca, como reencarnação

dele. Em sua primeira descrição ela repetidamente errava e usava o pronome masculino ao descrevê-la.

[Rebecca] é igualzinha a ele [Matt]. Absolutamente... Eu posso lhe mostrar fotografias dela e dele. E Ann disse, “ Toda vez que eu olho para ele, toda vez que eu olho para ele”- Rebecca, este é o nome dela- “ toda vez que eu olho para ele, toda vez que eu olho para ela, toda vez que ela levanta os olhos, eu vejo Matt.”

A medida que suas percepções errôneas deixam de funcionar, uma mãe enlutada encara repetidamente a impossibilidade de retorno de seu filho, mas embarca em uma procura remota e zangada pela presença de seu filho; uma busca estimulada por seu desejo de reverter, ignorar, ou desfazer a morte. Em nossa décima sessão, a Sra. Fox recordou um jantar na sua igreja: “Havia várias pessoas jovens lá...chegando juntas- casais e tudo. Se isto se assemelhava a algo, para mim, eu não sei.” O que eles poderiam “assemelhar-se” mais do que o desejo dela de reconhecer e reconstituir Matt neles? Ao descrever o quão solitária se sentiu no jantar ela disse, “ Demora este

tempo todo para você compreender que não os verá novamente? Você sabe que não verá, mas você automaticamente continua procurando, ou você se coloca e uma fantasia de que não é verdade; então a verdade lhe atinge?”

Suas percepções errôneas também emanam de seu desejo de ser desejada por seu filho, de passar seu sistema de valores, sua herança para uma criança que, por sua vez, aprecia (quer ser) seu sistema de valores. Por via da percepção errônea⁸, ela tenta encontrar “substitutos” que realizarão seu desejo de ser útil a geração seguinte (Erikson, 1963) que, por sua vez, irão lhe dar reconhecimento. Estes desejos formavam a preocupação da Sra. Fox, em nossa décima primeira sessão, quanto a quem herdaria seus “valores” já que Matt estava morto. Em nossa sessão seguinte, ela descreveu a imensa gratificação que sentiu ao ensinar em uma turma de escola dominical, uma tarefa que havia assumido após nossa entrevista anterior. Tornou-se claro que ela

⁸ Estou usando o termo “percepção errônea” de Lacan (1977) pois é mais próxima da experiência do termo “identificação”.

substituiu esta aula pela relação simbólica com Matt, na qual passava seu sistema de valores para uma criança que iria sobreviver a ela e passaria esses “valores” para seu(s) filhos.

Auto-engano e a tarefa essencial do luto

Uma enlutada considera a si e aos outros responsáveis pela morte, sente inveja e ciúme das mães com filhos vivos, ressentido-se, é crítica daqueles que ela acha não merecedores da vida ou merecedores da morte e sente raiva de seu filho por ter morrido e de Deus por tê-lo levado. As mães descrevem períodos durante os quais ninguém conseguia dizer “nada de certo” a elas, dias em que elas “gritavam para todos”. Estes sentimentos são tão estranhos a ela que eles só podem ser reconhecidos por via da negação. Eles são vividos como “não eu” (Sullivan, 1953), não-possibilidades temidas que ameaçam transformá-la em sua “identidade negativa” (Lifton, 1969), na pessoa que ela sempre evitou ser.

Portanto, ela os vê como sinais da insanidade que se aproxima e se ilude a fim de escapar de seu caráter inerentemente conflitivo. Por exemplo, “a fim de negar a morte de Bobby”, a Sra. Bucheck teve um romance. Algumas mães tentam “escapar” por meio de passeios de carro, caminhadas, compras, ou mesmo viagens. Já que “escapar” envolve escapar de si própria, seus auto-enganos temporariamente bem sucedidos frequentemente culminam em experiências de desligamento da realidade e despersonalização. A Sra. Bucheck falou sobre seu caso amoroso como se ele tivesse acontecido a outra pessoa; outras mães descrevem terem se perdido em shoppings ou estradas durante estas épocas. Como pode ser visto, os auto-enganos de uma mãe são bastante dolorosos; portanto, eles também são conflitivos. Ela, então, luta contra eles tanto quanto ela os gera.

Em parte, seus auto-enganos constituem aquilo que Freud (1917/1973) denominou “o trabalho de luto”(p.224). Ela é inextricavelmente atraída para o momento e o dia da morte de seu filho é perseguida pela

imagem de seu corpo. Ela constrói uma imagem a da cena da morte e empreende uma vigília na qual ela espera pelo retorno de seu filho em horas rotineiras do dia durante épocas tradicionais do ano. Ela repetidamente revê a cena da morte e sua experiência de ser avisada a respeito dela, assim como várias cenas de suas vidas juntos, e fala sobre elas repetidamente. Estas repetições são essenciais para seu luto; elas constituem sua luta para aceitar o fato e a finalidade da morte de seu filho.

Embora a tarefa essencial do luto seja a de aceitar o significado da morte de seu filho, ela nunca compreende isto plenamente. Existe sempre uma outra situação que revela outro significado. Ela tem que viver com os aspectos desconhecidos da vida, morte e do futuro prematuramente interrompido de seu filho, com suas fantasias sobre o que poderia ter sido. Ela frequentemente vivencia esta frustração ao procurar uma razão para a morte, ingenuamente “reduzindo” o significado da vida ou da morte do filho, ou persistentemente perguntando a Deus porque o filho morreu. “ Eu me pergunto”, disse a

Sra. Fox em nossa segunda entrevista, “ até onde [Matt] poderia ter ido...E, então, em uma fração de segundo, tudo aquilo que se foi [longa pausa- chorando]. Eu não estou furiosa com Deus, mas eu me pergunto porque ele partiu...Eu sei que na Bíblia está escrito que você não deve se perguntar o porque das coisas. Assim mesmo...Eu sei que continuo me questionando.”

Uma incapacidade da mãe enlutada em fugir do significado da morte de seu filho resulta em incontroláveis ataques de choro que a esvaziam e esgotam e em sentimentos de fraqueza, solidão, ânsia, indiferença e incapacidade. Ao lidar com esta última, ela frequentemente efetua uma reversão existencial na qual assume responsabilidade por fazer e manter a existência de seu filho como significativa. Já que seu filho não pode mais assumir esta responsabilidade, ela responde à não resposta de seu filho, assumindo ela mesmo a responsabilidade pelo diálogo. Ela pode, por exemplo, “contê-lo” dentro de si mesma alucinando conversas com seu filho falecido, ou tentar realizar um dos projetos de

seu filho, ou entrar para uma organização associada à morte de seu filho.

Luto materno: um fenômeno essencialmente relacional

O luto materno é relacional no sentido de que uma mãe enlutada encontra seu luto no diálogo com outros. Seu desejo de invocar a presença viva de seu filho é representado ao falar sobre seu filho e ouvir outros falarem sobre ele ou ela. Como observado, entretanto, este desejo é conflitante. Ela frequentemente se abstém de mencionar seu filho, porque fazê-lo, embora invoque momentaneamente sua “presença”, inevitavelmente confronta a ausência permanente de seu filho. Inversamente, ela sente-se abandonada quando os outros deixam de mencionar seu filho. Portanto, é no diálogo com os outros que ela encontra tanto sua dor quanto seu consolo.

Tristemente, entretanto, uma mãe é frequentemente abandonada pelos outros. Eles retiram-se na crença de

que a morte de uma criança é insuportável (o que ressoa coma opinião idêntica da mãe.) Ela vive estas repulsas concluindo que somente outros pais enlutados podem entendê-la. Ironicamente, ela também os vive como sinais adicionais da aproximação da insanidade. Se os outros deixam de confirmar seu luto, ela inevitavelmente conclui que o luto em si é patológico, que o eu que lamenta é perturbado. Meu trabalho com mães enlutadas indica que o luto materno é um fenômeno essencialmente relacional representado na esfera, que se encontra entre a mãe enlutada e, no mínimo, um interlocutor.⁹ Se não houver que a ouça ou reafirme seu luto, o eu que lamenta irá evaporar temporariamente; ou se seus precursores surgirem (sentimentos de tristeza, raiva, inveja), eles são tão condenados pela mãe que o eu que lamenta não irá emergir. Estes fracassos enfáticos são, ao meu ver, mais

⁹ Numa comunicação próxima, “Entre uma mãe enlutada e seu ouvinte: o consciente e inconsciente” (parte de uma antologia editada por Kepnes e Abramovitch sobre Buber e psicoterapia), eu exploro este aspecto do luto materno em maiores detalhes.

patogênicos de um luto perturbado do que de uma psicopatologia preexistente, na mãe.

O luto materno é relacional também no sentido de que é sempre um relacionamento que é lamentado (uma característica que eu descrevi detalhadamente em outro estudo; Brice, 1989).¹⁰

Mundo identificado com a morte

Por um período, uma mãe enlutada povoa seu mundo com os mortos e os despojados. Ela apresenta uma narrativa, aparentemente interminável sobre morte e tragédia. Este mundo oferece consolo já que existem outros dentro dele que a entendem e que estão, talvez, em situação pior. Sentir a dor dos outros, entretanto, é um consolo apenas temporário que não reduz sua dor a nenhum grau suportável. Além do mais, viver em tal mundo aumenta seu sentimento de abandono em relação ao mundo dos vivos.

¹⁰Veja Brice (1989) para uma exploração mais detalhada de culpa no luto materno.

Culpa

Uma mãe enlutada vive inconscientemente a morte de seu filho como o resultado da tentativa dele ou dela de ser separado, individualizado, autônomo, ativo e competitivamente bem-sucedido. Ela é culpada por não ter conseguido deter estas superações e diferenciações, não apenas ao longo de suas linhas de desenvolvimento, mas também no momento da morte do seu filho. A Sra. Fox contou uma história após a outra, a respeito de pessoas que morreram participando de uma atividade competitiva, normalmente um esporte. A morte sempre ocorreu quando a pessoa estava fora de casa.

Em geral, a culpa de uma mãe enlutada reflete sua crença de que ela deveria e poderia ter mantido seu filho primordialmente ligado a ela. Ela sente que, se estivessem sidos mais unidos, seu filho não teria morrido. Ela vive sua incapacidade de ter impedido a morte como onipotência “fracassada”. Ela, portanto, sente-se

inconscientemente responsável pela morte de seu filho e se culpa de ser um fracasso. Estas crenças surgem criticamente: “ Bem,” disse a Sra. Fox, “ Eu, eu senti como se eu estivesse lá, sabe, eu sei que eu não poderia ajudá-lo, mas você sente que poderia tê-lo segurado,oh...eu não sei o que quero dizer com incapacidade também...Eu já disse a muitas pessoas que eu espero que vocês nunca tenham que passar pela perda de um filho.

É, entretanto, importante observar que a crença de uma mãe de que a morte de seu filho resultou dos esforços dele ou dela em ser um ser separado é inteiramente diferente de experienciar a morte como uma separação. Uma coisa é sentir que o filho ainda estaria vivo se ele ou ela tivesse permanecido primariamente dentro da órbita da influência da mãe. Outra coisa é alegar que uma mãe experiencie a morte de seu filho da mesma maneira que ela experiênci a saída dele ou dela de casa no primeiro dia de escola, ou ao se casar, ou a se mudar para outra cidade.

Conclusão

A estrutura geral do luto materno sugere que ele é um mundo de paradoxos impenetráveis como observado, uma característica essencial deste fenômeno é sua ambigüidade, uma ambigüidade com a qual não existe um modo de viver direto, não conflitivo, ou sem auto-engano. Ao assumir uma atitude fenomenológica para as experiências descritas, não foi minha intenção esclarecer um fenômeno essencialmente ambíguo e paradoxal, mas descrevê-lo de maneira que sua estrutura ambígua, paradoxal possa ser apreciada. A pesquisa fenomenológica reconhece perspectividade; ela reconhece que as conclusões de qualquer estudo são limitadas por (1) aqueles perfis do fenômeno que se mostram, (2) as situações e contextos em que eles aparecem, e (3) o ponto de vista do investigador que tenta descrevê-los. Visto que o luto materno é essencialmente ambíguo e paradoxal, nenhum investigador solitário poderia caracterizar

plenamente. Portanto, eu apresentei a minha opinião sobre o fenômeno do luto materno, que, obviamente, não é definitiva. Espera-se que meu estudo auxilie clínico e pesquisadores a apreciarem a complexidade desse fenômeno e que ele estimule pesquisas que irão corrigir as inevitáveis distorções do presente esforço.